



ENTRE IDENTIDADES E ESCUTAS: PRÁTICAS CLÍNICAS PSICOLÓGICAS EM AMBULATÓRIO DE SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL

BETWEEN IDENTITIES AND LISTENING: PSYCHOLOGICAL CLINICAL PRACTICES IN CHILD AND ADOLESCENT MENTAL HEALTH OUTPATIENT CLINIC

  Maria Luiza Santos Cavalcanti de Oliveira, Centro Universitário Maurício de Nassau - Uninassau, Caruaru, PE, Brasil

  Ana Maria Sá Barreto Maciel, Centro Universitário do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, Brasil.

**ENTRE IDENTIDADES E ESCUTAS: PRÁTICAS CLÍNICAS PSICOLÓGICAS EM
AMBULATÓRIO DE SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL****BETWEEN IDENTITIES AND LISTENING: PSYCHOLOGICAL CLINICAL
PRACTICES IN CHILD AND ADOLESCENT MENTAL HEALTH OUTPATIENT
CLINIC**Maria Luiza Santos Cavalcanti de Oliveira¹Ana Maria Sá Barreto Maciel²

Resumo: O presente artigo, fundamentado em uma pesquisa qualitativa de relato de experiência, propõe uma reflexão sobre os modos de subjetivação que emergem em contextos de vulnerabilidade, com base na vivência de estágio em um ambulatório multiprofissional infantojuvenil no agreste pernambucano. A partir do acompanhamento clínico, discute-se a construção de identidades paralelas como estratégias psíquicas de sobrevivência frente a experiências marcadas por dor, exclusão e violência. Parte-se do pressuposto de que a identidade constitui um processo dinâmico, relacional e atravessado por múltiplas determinações – sociais, históricas, culturais e afetivas. Nesse contexto, destaca-se o Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) como uma manifestação clínica que expressa a complexidade dos atravessamentos subjetivos, sendo compreendido não como patologia isolada, mas como resposta extrema do psiquismo diante de traumas precoces. A análise propõe deslocar o olhar da patologização para uma escuta clínica sensível e implicada, reconhecendo a dissociação como uma tentativa de preservação da existência do sujeito em contextos insuportáveis. Assim, o artigo convida à valorização da potência de reinvenção subjetiva nas bordas da dor, da exclusão e da resistência.

Palavras-chave: Subjetivação; Transtorno Dissociativo de Identidade; Vulnerabilidade; Identidade; Escuta clínica.

Abstract: This article, based on a qualitative research through an experience report, proposes a reflection on the modes of subjectivation that emerge in contexts of vulnerability, drawing from an internship experience in a child and adolescent multidisciplinary outpatient clinic in the Agreste region of Pernambuco, Brazil. Through clinical follow-up, the discussion focuses on the construction of parallel identities as psychic survival strategies in the face of experiences marked by pain, exclusion, and violence. It is assumed that identity constitutes a dynamic, relational process, shaped by multiple determinations – social, historical, cultural, and affective. Within this context, Dissociative Identity Disorder (DID) is highlighted as a clinical manifestation that expresses the complexity of subjective crossings, understood not as an isolated pathology, but as an extreme psychic response to early trauma. The analysis seeks to shift the focus from pathologization to a sensitive and engaged clinical listening, recognizing dissociation as an attempt to preserve the subject's existence in unbearable contexts. Thus, the article invites the appreciation of the power of subjective reinvention at the margins of pain, exclusion, and resistance.

Keywords: Subjectivation; Dissociative Identity Disorder; Vulnerability; Identity; Clinical listening.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU, Caruaru – PE, com conclusão prevista para 2025. E-mail: luizasantosls2021@gmail.com

² Graduada em licenciatura e bacharelado em Psicologia (FAFIRE/PE); mestrado pela Universidade Católica de PE; Especialista em Psicologia Hospitalar e Domiciliar (CPHD do NE). Especialista em Saúde Pública (NESC/FIOCRUZ). E-mail: anamariamaciel2015@gmail.com

INTRODUÇÃO

A saúde pública, em sua complexidade e potência, oferece um território fértil para o encontro com múltiplas formas de ser, sofrer e cuidar. No contexto da saúde mental, a aproximação com a realidade dos serviços públicos — marcados por precariedades e invenções — constitui uma experiência profundamente formativa para quem está em processo de construção profissional. É nesse chão, entre corredores cheios e escutas entrecortadas, que o cuidado psicológico se revela em sua forma mais crua e potente.

Estar em um ambulatório multiprofissional infantojuvenil no agreste pernambucano é um convite ao desacomodamento ético, afetivo e político. A proximidade com dores da pobreza e da exclusão impõe desafios técnicos e convoca a uma implicação existencial. Dói acompanhar histórias atravessadas por violência e negligência, assim como reconhecer o quanto a cultura da normatização impregna nossa escuta.

No encontro clínico com jovens em crise de identidade, aquilo que, à primeira vista, se apresenta como “desvio” pode ser compreendido como um modo singular de existir. O espaço clínico, assim, deixa de ser apenas técnica e se torna lugar de abertura, onde o indizível encontra possibilidades de expressão. Do ponto de vista da clínica fenomenológico-existencial com adolescentes, percebe-se que as transformações biológicas e psicossociais intensificam estados de crise identitária, não apenas como perturbação, mas como manifestação de um habitar próprio no mundo (Gurgel Guida et al., 2024).

Em um estudo com adolescentes, usuários da clínica psicológica, evidenciou-se que oferecer lugar a uma fala solta, livre, sem a rigidez de um roteiro, possibilita que sentidos emergentes se organizem a partir da própria narrativa do sujeito, abrindo espaço para o inesperado, para aquilo que até então era silenciado ou considerado “fora do padrão” (Pereira, 2007). A clínica, então, revela-se como espaço de escuta e tradução desse silêncio carregado de significados, onde o “barulho” do não dito ressoa como um pedido de cuidado.

A identidade humana é um processo dinâmico, atravessado por experiências subjetivas e contextos históricos. Em vulnerabilidades, emergem subjetivações como estratégias de preservação. Loos-Sant’Ana e Lima (2020, p. 344) apontam que “conflitos psíquicos persistentes são indicadores de que a relação entre identidade e self se encontra

comprometida, mostrando a necessidade de que novos recursos psíquicos sejam conquistados”.

Moreira *et al.* (2021, p. 783) reforçam que as identidades estão “em constante movimento de significados morais, culturais, psicológicos, científicos, jurídicos, entre outros”, o que demanda uma escuta que fuja de classificações reducionistas. Lima e Lima (2020) também propõem compreender o sofrimento como vivência situada e ético-política, exigindo da psicologia um compromisso crítico com realidades plurais.

Dessa forma, este artigo propõe refletir sobre as múltiplas identidades como estratégias de enfrentamento psíquico em contextos adversos, a partir de vivências no estágio supervisionado no Ambulatório Infantojuvenil. Por meio de um relato implicado, busca-se compartilhar descobertas clínicas, tensionar normatividades e afirmar a clínica como arte do cuidado.

As experiências vividas geram inquietações que atravessam a prática clínica e formativa. No contato com jovens que expressam formas alternativas de subjetivação, torna-se urgente questionar os modelos que sustentam nossas escutas. Como escutar as vozes das margens do sofrimento social? Como ressignificar práticas para torná-las sensíveis às existências plurais?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho apresenta um relato de experiência, reconhecido pela literatura científica como recurso legítimo na produção de conhecimento em contextos de formação e atuação em Psicologia. Segundo a ABNT (NBR 6022:2018), trata-se de estudo descritivo baseado em vivências concretas, que possibilita reflexões sobre práticas e processos de intervenção. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-reflexiva, articulada a uma revisão teórica integrativa que sustenta as análises.

A experiência ocorreu durante o estágio supervisionado em Psicologia, no Ambulatório Multiprofissional Especializado Infantojuvenil de Caruaru-PE, serviço da rede pública de saúde. O público atendido era composto por adolescentes encaminhados por unidades básicas, conselho tutelar e CAPS, com demandas ligadas a sofrimento psíquico, dificuldades escolares, comportamentos “desviantes” ou suspeitas de transtornos psiquiátricos.

O acompanhamento clínico seguiu a modalidade de psicoterapia breve, fundamentada na fenomenologia e nas diretrizes institucionais, com encontros semanais e média de 8 sessões por caso. A abordagem priorizou a escuta do sofrimento e a construção de sentido das manifestações subjetivas.

As reflexões emergiram da prática clínica, das supervisões e dos debates acadêmicos. A fundamentação teórica foi construída a partir de pesquisa bibliográfica nas bases BVS Saúde e SciELO, com publicações em português entre 2021 e 2025, utilizando os descritores: (“Identidade” OR “Subjetividade”) AND (“Vulnerabilidade social” OR “Sofrimento psíquico”); (“Escuta clínica” OR “Escuta subjetiva”) AND (“Subjetivação” OR “Identidade”).

Esse percurso metodológico permitiu uma análise atenta às singularidades dos sujeitos, evidenciando as potências que emergem quando a clínica se abre à multiplicidade da experiência humana — especialmente nas fissuras da dor, onde surgem caminhos singulares de reinvenção do viver.

RESULTADOS

Durante o estágio no Ambulatório Infantojuvenil de Caruaru–PE, os atendimentos com adolescentes revelaram confusões sobre a identidade do “Ser”. Neste relato, optou-se por focar em apenas um caso, pela relevância clínica que apresentou no contexto do transtorno dissociativo de identidade (TDI) e na complexidade da construção identitária.

Ao longo das sessões, o adolescente apresentou uma narrativa marcada por mudanças abruptas de comportamento e sensação constante de desconexão de si. Como destaca Guida *et al.* (2024), a adolescência é um período de dilemas internos profundos, no qual se busca a identidade entre conflitos e pressões. O jovem em questão alternava “faces” como se buscasse se adaptar às exigências externas enquanto se protegia de uma dor psíquica insuportável.

Como escutar, de forma verdadeiramente comprometida, as vozes que emergem das margens do sofrimento social, sem reduzi-las a diagnósticos? A pergunta exigiu da escuta a suspensão dos saberes prévios, abrindo espaço ao inusitado.

O conceito de adolescência, oriundo do latim *adolescere* (“crescer”), descreve um período de transição marcado por descobertas e redefinições do eu. Conforme Almeida *et*

al. (2023), essa fase é ambígua, marcada por incertezas sobre quem se é e o que se deseja ser. O adolescente vivia essa transição de modo fragmentado, oscilando entre afirmação e descontinuidade, refletidas em seus comportamentos e relações.

Nos encontros, a alternância identitária se aproximava do transtorno dissociativo de identidade (TDI), em que há múltiplos estados de personalidade e amnésia dissociativa (Kostycz, 2024). Em uma das sessões, ele relatou ter “várias faces” que emergiam em momentos de crise, como estratégia de enfrentamento do sofrimento.

Segundo Santos *et al.* (2023), a dissociação pode ser compreendida como defesa psíquica diante do insuportável. A fenomenologia, ao conceber a subjetividade como fluxo, permite compreender a experiência desse jovem para além do diagnóstico. Jaspers (2020) afirma que a identidade é um processo em constante construção. O adolescente parecia buscar “outros eus” como forma de reorganização de si mesmo frente à dor. Nesse cenário, a clínica foi convidada a se reinventar com o sujeito. Como podemos ressignificar práticas psicológicas, tornando-as mais sensíveis às estratégias de sobrevivência e às potências que emergem nos territórios da dor?

Um dos momentos mais significativos foi quando o adolescente descreveu a alternância de identidades como forma de “sobrevivência”. Isso ressoa com Moreira *et al.* (2022), que compreendem a dissociação como resistência psíquica diante de experiências traumáticas. A psicoterapia breve, com sessões focadas no acolhimento, ofereceu espaço seguro para expressão das múltiplas facetas do adolescente.

Com base na abordagem fenomenológica, praticou-se uma escuta ativa e não redutora, que se abriu à complexidade da experiência subjetiva. O acolhimento psicológico, nesse formato, foi essencial para que o jovem integrasse gradualmente suas partes e encontrasse modos mais harmônicos de lidar com sua identidade.

A poética desse processo terapêutico reside na criação de um espaço onde o sofrimento psíquico, muitas vezes invisível e ensurdecido, fosse acolhido com sensibilidade. Como afirma um participante citado por Santos *et al.* (2023): “o silêncio do sofrimento é tão forte quanto o grito. E no silêncio, encontramos as múltiplas possibilidades de ser.”

DISCUSSÃO

A prática psicológica, especialmente estágios supervisionados, ultrapassa respostas técnicas e teorias consolidadas. O caso do adolescente atendido no Ambulatório Infantojuvenil de Caruaru-PE, com identidade oscilante e fragmentada, revela a clínica como espaço de abertura, onde o não saber e a escuta genuína têm valor

A clínica mostra sua potência ao acolher o inesperado. Como lembra Jaspers (2020), compreender a experiência do sujeito exige não só teoria, mas presença ética e afetiva. O adolescente expressava vivências que iam além do diagnóstico de TDI, exigindo escuta atenta e sem respostas prontas. Essa experiência evidencia lacunas na formação em Psicologia, muitas vezes focada na técnica e distante do sofrimento real, como aponta Moraes (2023). No estágio, histórias que não cabem no DSM impõem a necessidade de um acolhimento ético.

O estágio supervisionado torna-se, assim, espaço de formação existencial. Diante da imprevisibilidade do TDI, a estagiária confrontou seus medos e limites, aprendendo que, muitas vezes, a transformação se dá no silêncio e na repetição de afetos (Santos; Costa; Silva, 2023). A clínica também ensina sobre si mesmo. Ao lidar com o sofrimento do outro e com falência da teoria, o estudante reconfigura sua escuta e reconhece a psicologia como ciência viva, feita no encontro.

Casos de transtorno dissociativo desafiam a lógica da unidade do eu. Como afirma Moreira *et al.* (2022), a dissociação expressa dores que escapam à razão. O adolescente, ao dizer "às vezes eu não sou eu", trazia uma vivência legítima de subjetivação, que a clínica deve acolher. Em suma, o estágio é um laboratório de humanidade: forma profissionais que sustentam o sofrimento do outro e de si, e que reconhecem na clínica a beleza trágica do encontro entre dor e acolhimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso traçado neste trabalho, sob o título *Entre identidades e escutas: práticas clínicas psicológicas em ambulatório de saúde mental infantojuvenil*, revelou-se mais do que um relato de experiência: foi um convite à escuta sensível, à implicação subjetiva e à abertura ao enigma do existir. As situações vividas no estágio supervisionado escancararam os desafios da clínica com adolescentes em sofrimento, evidenciando que a escuta exige presença, silêncio, afeto e disponibilidade.

Os resultados mostraram como a construção identitária na adolescência é complexa e atravessada por dores e rupturas. Em contextos de trauma e vulnerabilidade, como no caso atendido, surgem manifestações que desafiam classificações, como traços dissociativos. Nessas horas, a psicologia é chamada a sustentar o enigma, acolhendo fragmentos de existência.

A discussão teórica mostrou que a clínica se alarga ao inesperado. Escutar o outro é também escutar-se – reconhecendo angústias, limites e dúvidas, sem perder a presença ética. O cuidado é, assim, duplo: com o outro e consigo. Este relato reforça a importância de uma formação que prepare para o que escapa às normas e para a arte delicada de estar com o outro. É nesse entrelaçamento de saberes e afetos que o psicólogo se forma.

Fica a pergunta: como a psicologia pode acompanhar as mutações do existir sem perder a singularidade? Mais do que respostas, exige-se uma presença que sustente e acolha – mesmo quando nada parece fazer sentido. Porque, talvez, a essência da clínica seja justamente permanecer: tornar-se parte do gesto silencioso e potente de cuidar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M.; RIBEIRO, A. B.; BENEDETTI, L. Adolescência e os dilemas da identidade: um estudo sobre os conflitos subjetivos. **Revista Brasileira de Psicologia Clínica**, v. 15, n. 2, p. 125–139, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/1984-999X.2023.2049356>.

GUIDA, S. L. A. et al. Construção de identidade na adolescência: dilemas individuais e sociais. Saberes: **Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 24, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21680/1984-3879.2024v24n1ID35507>

GURGEL GUIDA, Simone Leite Azevedo; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; SOUZA, Marilza Terezinha Soares de; MONTEIRO, Patricia Ortiz. Construção de identidade na adolescência: dilemas individuais e sociais. **Revista Saberes**, v. 24, n. 1, 2024. Link de acesso: <https://doi.org/10.21680/1984-3879.2024v24n1ID35507>

JASPERS, K. **Psicopatologia: Fenomenologia e Análise Clínica**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

KOSTYCZ, R. D. Transtorno dissociativo de identidade: aspectos clínicos e terapêuticos. **Revista Brasileira de Psicopatologia e Terapias**, v. 18, n. 1, p. 45–59, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbpt.2024.01.45-59>

MORAES, J. F. Psicopatologia fenomenológica: a escuta clínica e a experiência subjetiva. **Revista de Psicologia Contemporânea**, v. 8, n. 3, p. 102–114, 2023. Disponível em:

<https://www.psicocontemporanea.com.br/psico-jornal/escuta-clinica>. Acesso em: 23 abr. 2025.

MOREIRA, S. B.; LIMA, F. L.; PEREIRA, P. J. A dissociação como resistência psíquica: o papel da psicoterapia breve em casos de transtornos dissociativos. **Psicologia e Sociedade**, v. 35, n. 2, p. 67–81, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/psicologia-sociedade.2022.35.2.67-81>.

PEREIRA, Lucyanna de Farias Fagundes; CALDAS, Marcus Túlio; FRANCISCO, Ana Lúcia. Da experiência da fala de sujeitos usuários na clínica psicológica às suas possíveis repercussões. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 27, n. 3, p. 440-451, 2007. Link de acesso: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000300009>

SANTOS, M. C.; COSTA, A. S.; SILVA, L. A. O silêncio do sofrimento psíquico: a dissociação como forma de sobrevivência. **Revista Brasileira de Psicopatologia e Psicanálise**, v. 29, n. 4, p. 14–26, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbp.2023.29.4.14-26>

Submetido em: 10/04/2025 /2025 | Aceito em: 18/08/2025 | Publicado em: 30/09/2025